

FILME EM QUESTÃO

A Paixão de Cristo

Espetáculo de violência e fé

Não existe estratégia de marketing capaz de se equiparar aos efeitos de uma polêmica. Sobretudo uma polêmica religiosa. Foi essa a lição que Hollywood recebeu de *A Paixão de Cristo* (*The Passion of the Christ*, EUA/Itália, 2004). Depois de ter gerado a ira de autoridades religiosas judaicas pela suspeita de ser anti-semita, alcançou uma bilheteria de US\$ 295 milhões em apenas três semanas em cartaz nas telas americanas. No Brasil, o filme, dirigido por Mel Gibson, um ator de *blockbusters* e cineasta premiado

(ganhou o Oscar por *Coração valente*, de 1995), católico ultra-conservador, também fez uma receita pra lá de divina: teve um público de 673.596 pessoas por aqui. Um fenômeno inegável. O que aumentou ainda mais a ira dos detratores do longa-metragem.

Concebido com a proposta de ser um retrato absolutamente fiel das doze últimas horas de Jesus Cristo, desde o início da produção *A Paixão de Cristo* gerou uma discussão acalorada, furiosa até, poucas vezes vista na indústria cinematográfica

internacional. Ao mencionar que queria rodar a fita, baseado em um roteiro em latim e aramaico, com a violência que fosse necessária para retratar com todas as tintas o calvário do filho do Homem, Gibson fez com os produtores, literalmente, vissem o projeto como o Diabo encara a cruz. O cineasta resolveu bancar o longa com recursos próprios. Gastou US\$ 30 milhões para bancar filmagem e finalização. O resultado tem sido bem recebido pelo público. Mas a perspectiva ética do filme permanece em debate.

Mundo de apaixonados e amorosos

NILTON BONDER

RABINO E LÍDER DA CONGREGAÇÃO JUDAICA DO BRASIL.

O filme de Gibson não é maldoso, mas malicioso. A sutileza de suas colocações não deveria passar despercebida mesmo do público que se emociona com cenas deste episódio que, mais do que a teologia de uma tradição, integra o inconsciente coletivo de todo o Ocidente.

Na proposta de reproduzir a versão mais apaixonada dos Evangelhos, Gibson acabou realizando um filme com nuances sádicas e perversas. Dissimulada na arte de focar detalhes, revela o fetiche comum aos fanáticos: transformar o detalhe em fundamento e o fundamento em detalhe.

A verdade é que o filme e seu diretor são uma profunda metáfora sobre o mundo de hoje e a mensagem de Jesus. Jesus era um ser amoroso e não um ser apaixonado. A paixão percebe a vida como uma rede de posses, traições, intrigas, violências e idolatrias. Lá entre os judeus (os únicos no cenário além dos órgãos de dominação e repressão romanos) haviam apaixonados e amorosos. Quer a versão dos Evangelhos na qual se baseia Gibson que os amorosos virariam cristãos e os apaixonados, responsáveis pelas violências, continuariam judeus. Não é bem assim.

'Mel Gibson é um apaixonado pelas suas verdades'

O mundo hoje se divide entre os fundamentalistas (apaixonados) e os amorosos. Os fundamentalistas não são

os muçulmanos. Os amorosos e apaixonados estão em qualquer agrupamento humano. Há, por exemplo, muitos fundamentalistas apaixonados na América. Bush é um apaixonado e representa uma visão americana que não está na Nova York atacada, mas no Cinturão Bíblico do interior americano, que, apaixonado, tenta animar sua vidinha Dogville. E de lá surge Gibson que, tal como os fundamentalistas de todas as religiões, é um apaixonado por suas verdades. Fundamentalistas estes que estão prontos a grandes batalhas não por amor e nem sequer por ódio, mas por paixão.

Mel Gibson é um apaixonado. Sua obra é apaixonada. Partes da Igreja que não denunciam aspectos reacionários do filme, fazendo pouco do amoroso João 23, são nitidamente apaixonadas. A paixão já matou e continuará matando em nome do amor.

Jesus meu irmão de religião e meu companheiro de fé num ser humano amoroso: a arte do detalhe como fetiche e a arte da paixão como fanatismo de Mel Gibson, corrompem a essência de tua mensagem.

Perdoai-o porque, como crente, em meio a sua paixão, não sabe o que faz.

Já como homem de mídia, sabe muito bem.



O ATOR Jim Cavaziel, católico, tinha na filmagem os mesmos 33 anos que tinha Jesus Cristo ao morrer